

Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista."

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Collegios Novos

(New Schools)

II

Ensino integral. — Trabalhos manuaes.

As *Escolas Novas* querem formar pela educação, *homens equilibrados*, com um desenvolvimento harmonioso e conjuncto das suas aptidões physicas e mentaes.

Nos velhos internatos, *velhos* nos processos e não na idade, a educação intellectual domina, absorve quasi completamente o alumno.

O dia distribue-se em aulas e estudos e a parte consagrada aos exercicios physicos, recreios, jogos e gymnastica é sempre relativamente insignificante.

D'aqui um exagero de *intellectualismo* para os educandos e uma correspondente atrophia nas suas aptidões physicas.

Esta nefasta orientação, explica-se pelo fim essencial a que visam esses collegios: *preparar para exames, obter diplomas officiaes de cursos*, para os seus internados.

Os efeitos d'este systema de distribuição de trabalho, sobre os alumnos, é, no emtanto, deploravel.

Os longos estudos são monotonos e exhaustivos, incitam o collegial á preguiça, ao enervamento, á dissimulação.

Como eu sinto ainda o peso d'aquellas horas sem fim, no meu frio casarão de estudo, em que uma immobilidade enervante e um silencio esmagador, estiolavam e opprimiam sem proveito, a nossa irrequieta mocidade!

Horas, pesando como chumbo, que eu tantas vezes gastava a olhar para o livro, sem o vêr, sonhando com os poucos momentos de liberdade que tinha lá fora, ao ar livre, á clara e abençoada luz do sol, na plena expansão do meu vigor e da minha alegria!

Como o *dever*, o *trabalho* se tornavam então pesados e odiosos!

Depois este exagero da applicação intellectual, além da acção doentia que podia ter sobre os nossos organismos, criava em nós uma tendencia viciosa para a indolencia, para a inacção, afrouxava-nos a vontade, *desviava-nos da realidade* intensa e activa que é a vida.

As *Escolas Novas* procuram evitar estes graves defeitos dos velhos internatos, distribuindo o dia, compensadoramente, em occupações intellectuaes, trabalhos manuaes e exercicios physicos.

Em *Abbotsholme*, por exemplo, dedicam-se por dia:

Aos trabalhos intellectuaes	5 horas
Aos trabalhos manuaes e artisticos e exercicios physicos	5 horas

A's refeições e recreios ou tempo livre (á discripção dos alumnos) 4 horas
Ao somno 10 horas

Não se pense, porém, que as cinco horas destinadas ao exercicio physico, são apenas absorvidas pelos jogos, *sports* e gymnastica, como seria levado a crêr quem levianamente julgasse os Collegios Novos, Escolas de *sportmans* e *athletas*.

E' até curioso notar que a primeira *New-school* que se fundou, a de *Abbotsholme*, teve, entre outros, como fim o de reagir contra a paixão absorvente e exagerada do *sport* e do *athletismo*, cultivados nas *Public-Schools* (Escolas Publicas) inglezas.

Por isso, se em *Abbotsholme* se praticam os *sports*, caros a todo o bom inglez: como o *foot-ball Rugby*, o *cricket*, o *golf* e o *tennis*, se os seus alumnos se exercitam no remo, na natação, na bycicleta etc., estes exercicios não occupam senão um limitado numero de horas semanalmente e uma pequena parte das 5 que se destinam cada dia ao que chamarei *trabalho physico*.

A maior parte d'esse tempo, é occupada pelos alumnos nos trabalhos manuaes: desenho, experiencias de laboratorio, jardinagem, agricultura, marcenaria, serralheria, trabalhos em madeira, ferro ou cartão etc.

Em todas as Escolas de *Educação Nova* se liga uma extraordinaria importancia aos *trabalhos manuaes*.

«Elles obrigam o alumno á exactidão, diz Grunder, professor na *École des Roches*, a uma grande attenção nos detalhes e fazem-o adquirir uma *dextreza* que elle não poderia obter por outra forma, qualidades muito uteis, seja qual fôr o seu futuro. Os jogos e o *trabalho manual*, acrescenta, são um dos meios mais efficazes da *educação da vontade* e do *dominio de nós mesmos*, base indispensavel para a formação de um ser moral».

E na verdade comprehende-se bem que o

trabalho manual occupe n'esses Collegios de Educação Nova um logar de honra.

Elle quebra a monotonia e a fadiga das occupações intellectuaes e, desenvolvendo physicamente o corpo, mantem o equilibrio organico que uma exagerada applicação, puramente intellectual, viria destruir. Evita os perigos do estudo sedentario, corrigindo-o pela acção e movimento que exige.

E' uma escola magnifica de energia, de iniciativa, de senso pratico, de adaptação á vida. E feito ao ar livre, na atmospheria var-



HESPAÑIA — VALENCIA

Palacio do Fomento

rida e pura dos campos, ou na animação ruidosa da officina, fortificando os musculos e interessando o espirito, é uma fonte de bom humor, de saude physica e moral.

O *trabalho manual* é de um elevado alcance instructivo, porque deve ser ensinado, como a applicação de principios scientificos, vivificados com a *pratica*, realizados visivelmente aos olhos do alumno e servindo-lhe de instrumentos de acção.

O espirito adquire portanto com elle, habitos de *precisão*, de *adaptação pratica*, habitua-se a aferir do *valor* dos seus conhecimentos pela utilidade que lhe prestam.

Alem d'isso, esta especie de trabalhos,

Sonnet pour éventail

(INÉDIT)

*Stupeur! Derrière moi sans que j'ai existé
Semant par l'infini les sphères vagabondes
En les renouvelant de leurs cendres fécondes
A coulé lentement tout une éternité*

*Jamais! Puis me voila dans la nuit rejetté . . .
Tout est fini pour moi, cependant que les mondes
L'autre éternité, vont continuer leurs rondes
Aussi calmes qu'au temps ou je n'ai pas été.*

*Juste le temps de savoir que tout est mal sur terre
Que c'est en vain qu'on cherche un coeur à l'univers
Et qu'il faut se résigner à l'immense mystère*

*Et que sanglot perdu, lueur aux creux deserts
Pli qui fronce un instant sur l'infini des mers
L'homme entre deux neants—n'est qu'un jour de misère!*

JEAN RICHEPIN.

cria nos alumnos, que os praticam, o respeito e a consideração, pelas classes operarias. E a blusa que vestem nas officinas ou o seu traje de pequenos camponeses, aproxima-os n'um largo sentimento de fraternidade e affecto, dos que, vestindo como elles a blusa dos operarios ou o traje dos lavradores, trabalham e soffrem curvados sobre a terra, ou estiolam a sua vida na monotonia enervante da officina.

Reconhecendo esta forte acção *moral* dos *trabalhos manuaes*, as Escolas Novas, que não são apenas fabricas de exames, mas laboratorios de *Educação* e portanto de formação do caracter e preparação para a Vida, dão-lhes um logar muito amplo na sua distribuição do tempo.

Varia com as differentes Escolas Novas, o genero de trabalho manual preferido. E assim a *École des Roches*, que tem uma instalação insufficiente para os trabalhos agricolas, occupa sobretudo os seus alumnos em trabalhos de *cartonagem*, *modelação*, *pyrogravura*, *encadernação*, *marcharia*, *carpinteria*, *serralharia*, etc.

Abbotsholme, que possue uma larga superficie agricultavel, inicia largamente os seus collegiaes nos trabalhos de jardinagem, pomicultura, horticultura e agricultura.

E é notavel a boa vontade com que os alumnos filhos de familias abastadas se sujeitam n'estes trabalhos, ás occupações mais desagrangeis e penosas.

O Dr. *Reddie*, fundador de *Abbotsholme*, exprime nas seguintes palavras inseridas nas *regras* do seu collegio, ácerca da sega do feno a importancia que liga aos trabalhos agricolas, na *educação geral*:

«Se reflectirmos que toda a civilização repousa em ultima analyse na agricultura . . . se pensarmos quão pouco reaes devem ser todas as ideias de poder humano e evolução social, quando a base de tudo, a conquista da natureza pela obediencia ás suas leis, não é comprehendida; é então que sentimos a perda irreparavel que soffre todo o homem que nunca manejou a *fouce*, o *forcado* ou o *ancinho* não participando do segar da herva . . . »

Entre nós ha já varios institutos publicos de instrucção geral, onde se praticam os *trabalhos manuaes* como os Lyceus e Escolas Officinas de Lisboa, Casa de Correção de Caxias, etc. e entre todos destaca, pela boa organização das suas officinas de trabalhos em cartão, madeira e ferro o Collegio Militar. (1)

Nos collegios de ensino livre, onde se educam as nossas classes burguezas, e portanto as classes dirigentes, liga-se em regra muito pouca attenção e cuidado aos trabalhos manuaes, artisticos, fabris ou agricolas.

Oxalá, que o *espirito novo* diffundido pelos Collegios de *Educação Nova* penetre

(1) Como se vê de um interessantissimo artigo do professor Agostinho de Campos, no seu livro de *Educação e Ensino*.

A ultima Reforma de Instrucção Primaria prescreve em todo o ensino primario, os trabalhos manuaes ou agricolas, conforme as regiões, para os alumnos do sexo masculino e os trabalhos manuaes, jardinagem, horticultura e economia domestica para os alumnos do sexo feminino.

largamente esses velhos reductos de uma educação falsa e condemnada.

Oxalá que com a pratica dos trabalhos manuaes e sobretudo dos *trabalhos agricolas* nos institutos de educação geral, se procure despertar nas futuras gerações: a energia, o equilibrio organico, o senso pratico, e um fecundo e intelligente amor pela terra, que tanto faltam as gerações de hoje.

J. B.



Cartas á minha vizinha

XXIII

Vizinha:

A sua carta, como as coisas muito desejadas, fez-se esperar; por isso mesmo maior foi o prazer que tive quando a sua letra nitida, finamente lançada que mais parece gravada do que escripta, me annunciou, no envelope, a sua vinda anciosamente esperada. E como sempre chegou escripta com elevação e graça, envolvida na roupagem leve e ampla de um estylo flexivel e brilhante.

Ao menos, Vizinha, as minhas Cartas tiveram o merecimento de provocar as suas e isso me dá um prazer maior do que escrever-lh'as.

No proximo numero começará de novo a grata e facil missão de responder-lhe o seu Vizinho, hoje calado, mas que será sempre

Importuno.

A VIZINHA RESPONDE...

Vizinho:

Vou finalmente concluir as considerações suggeridas pela leitura das apreciaveis cartas que me tem dirigido.

E já não vae sem tempo, tanto mais que, com a minha involuntaria demora, estou a privar-me do gratissimo prazer que as suas cartas sempre me trazem, e do qual naturalmente compartilha toda a *vizinhança* devido

á inconfidencia da *nossa intermediaria* «Revista».

Mostrei-lhe na minha ultima carta, Vizinho, que a «horriavel moda» não tem nem deve ter influencia alguma no *destino dos casamentos*.

Hoje, venho confessar-lhe o resultado do *exame de consciencia* que o Vizinho me aconselhou na sua XIX carta—exame demorado e escrupuloso, em que «consultei a minha consciencia, no silencio das minhas meditações intimas, em que não ouvi, de leve sequer, a voz irritada do meu amor proprio»—sobre os *3 mandamentos* que se encerram nas suas ultimas cartas:

A Educação *ménagère*;

A Puericultura; e

As *Escolas ménagères*.

*

A educação *ménagère*!? Tremebundo phantasma que, como a hydra da lenda, tanto assusta e apavora o Vizinho que até já o fez descobrir que «é do fundo enigmatico das cassarolas que surgem muitas vezes as doenças, o mau humor, as disputas que entristecem sombriamente o lar».

N'isto estamos plenamente d'accordo, Vizinho, se me disser que o fundo enigmatico da cassarola em que fez essa descoberta se lhe apresentou vazio.

Mas, n'este caso, perdoe-me o Vizinho que lhe mostre que não tem grande merecimento a sua descoberta, porque é já velho o adagio que diz:

«Casa onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão.»

E é este, infelizmente, o principal motivo porque o Vizinho não encontra em muitos lares, a hygiene, o bom gosto, o conforto e a Arte.

O Vizinho sabe—oh se sabe!—que *estas coisas* e ainda a alimentação com *menús* variados etc. não se conseguem só com a aprendizagem e boa vontade...

E' indispensavel, e desempenha um papel importante, o dinheiro que tudo isso custa, o dinheiro que o «inglez do livro de Taine foi ganhar para se casar»... o dinheiro que os rapazes da sua geração vão commodamente procurar nos casamentos ricos!...

Mas o seu pessimismo, Vizinho, a sua idola-

Carta a F.

A José Belleza dos Santos

*N'esta hora recolhida, oh! minha amada
Pensando em ti, ponho-me a escrever
Embora saiba que não digo nada
De quanto tenho para te dizer...*

*Pois para dizer-te tal como devia
Todo este amor — é o meu maior thesoiro
Percizava metter toda a harmonia
Entre rimas brilhantes como oiro!*

*Mas se o não digo bem não é razão
Tão forte, que me tenha de calar;
Quantas coisas nos diz o coração
Que o labio mal sabe articular!...*

*Ha muito que me calo! Hoje senti-me
Com força bastante pr'a lo dizer
Pois se este meu amor não é um crime
Que razões tenho eu para o esconder!?*

*E fosse! Embora fosse um grande crime
Que de ha muito tivesse confessado...
Se um grande amor a todos nos ridime
Tu devias-me já ter perdoado*

Barcellos — Julho de 1911.

RUY PAES.

tria pela educação theorica deslumbram-no e não o deixam ver entre nós lares modelos onde possamos aprender praticamente a sciencia domestica!

Ora por amor de Deus!

O Vizinho não poderá negar que sempre viu no seu lar um modelo inexcedivel, «sob o ponto de vista da hygiene, da economia, do bom gosto, do conforto, da educação dos filhos, da delicadeza e elevação da sua vida em commum»; um lar de onde as suas irmãs, se as tivesse, sabiriam perfeitamente conhecedoras da administração do *ménage*; um lar, finalmente, cujo momento de o visitar o Vizinho sempre esperava, cheio de anciedade, no meio dos seus trabalhos academicos e que ainda hoje o faz dizer, com nostalgia e saudade, como o inglez: *There is no place like home.*

E' assim mesmo, Vizinho: O amor pela familia e pelo lar, por tudo quanto o rodeia, quer seja opulento ou modesto, que faz vibrar commovidamente o nosso coração e evoca saudosamente ao nosso espirito os alegres e descuidosos dias que alli passamos, só o sente quem n'elle nasceu e viveu.

Por isso, Vizinho, eu tenho um carinhoso amor, um verdadeiro e enternecido culto pelo meu lar e por tudo e todos que o cercam, e me orgulho de lhe pertencer.

Por isso tambem eu vejo nos nossos lares a melhor e mais pratica escola domestica.

Por isso tambem generalisei o meu parecer sobre a educação *ménagère* dentro d'elles, convencida de que pode realizar-se plenamente aprendendo na pratica o que fôr racional, e auxiliando e completando essa aprendizagem com a leitura de bons livros, como: *Les secrets de l'économie domestique* e *Les secrets de l'alimentation*, de A. Héraud, professor da Escola Medica Naval de Toulon.

Quanto á educação infantil concedo-lhe um pouco de razão, mas não tanta que faça o Vizinho e os rapazes da sua geração intimidar-se perante o casamento.

Reconheço que, em regra, durante o nosso celibato, não nos preparam e educam n'essa difficil sciencia e espinhosa missão, o que conseguimos com estudo, perseverança e boa vontade depois do nosso casamento.

Sim, Vizinho: ainda ha poucos dias visitei uma minha amiga, casada ha mezes, que me fallou com entusiasmo de livros que estava lendo para poder cumprir a sua futura missão de Mãe.

Esses livros, muito interessantes, intitulavam-se: *Conseils aux mères*, do Dr. A. Donné, e *Conseils sur la manière de nourrir les enfants*, do Dr. Bachelet.

No entanto o Vizinho salienta e exaggera tão demasiadamente essa falta, que nós chegamos a acreditar n'uma fallencia absoluta de individuos fortes, são e intelligentes, esquecendo-nos de que o Vizinho, eu e toda a *vizinhança* nos creamos sem que nossas Mães tivessem frequentado as *Escolas ménagères!*...

Como é que se criam, de que cuidados

A UNS OLHOS . . .

*Olhos tristes, olhos meigos,
Como os das rolas dos montes,
Olhos puros, de olhar claro,
Como a agua clara das fontes.*

*Olhos leaes, olhos francos,
Em que a alma anda a boiar,
Como a luz branca do sol
Boia nas aguas do mar.*

*Olhos calmos, sonhadores,
De olhar suave e sereno;
Deviam olhar assim
Os olhos do Nazareno.*

*Olhos á flôr do «seu» rosto,
Pisados como martyrios,
Com a graça das violetas,
Com a tristeza dos lyrios.*

*Doce olhar como um afago,
Olhos que beijam olhando,
Como a luz do sol beijando
A agua mansa de um lago.*

*Olhos brilhando como astros,
Que alguem do ceu desprendeou,
E que trouxeram comsigo
A luz dos astros do ceu.*

*Olhos a quem vou pedir
Socego pr'as minhas penas,
Como a terra pede ao ceu
A paz das noites serenas.*

*Olhos, luz d'estes meus olhos,
De que eu abenço o olhar,
Como o pescador sem rumo
Bemdiz a estrella polar.*

Barcellos—Julho de 1911.

V. CABRAL.



scientificos são rodeados os filhos dos nossos lavradores?

E, todavia, a gente dos campos, em regra, é forte e saudavel e ainda é alli que vamos encontrar os mais bellos typos de robustez.

*

Na sua ultima carta o Vizinho refere-se á minha má vontade ás *Escolas ménagères*. Mas onde foi que o Vizinho descobriu essa má vontade?

Por duvidar dos seus resultados e achar excessiva a crença do Vizinho n'essas Escolas?

Eu duvidei dos seus resultados, é certo, a avaliar por o que acontece com os nossos *Asylos* para educar creadas de servir.

Mas o Vizinho tambem confessa que, exaltando a obra d'essas Escolas, se baseia apenas nos livros que tem lido e na *superioridade* dos povos que as possuem.

Admitindo, porém, a hypothese de que as *Escolas ménagères* correspondam plenamente ao fim para que foram creadas, pergunto:

Seremos nós, as *burguezinhas*, as culpadas de que ellas não existam entre nós?

E' a nós que compete realisar o incitamen-

to que o Vizinho faz para que ellas se fundem, adaptando-as ao nosso meio social?

E se tal ventura estiver reservada ás gerações futuras, o Vizinho acredita que a ideal preparação *ménagère*, de que me falla com tanto enthusiasmo, substitua o *dote em dinheiro* que falta e faltará sempre á maioria das nossas *burguezinhas*?! . . .

Não lhe parece, Vizinho, que antes de mais nada será necessario criar Escolas de *estoicos* . . . onde as futuras gerações de rapazes se libertem da indolencia, do comodismo, da fraqueza, do medo de que estão atacados os rapazes do seu tempo?

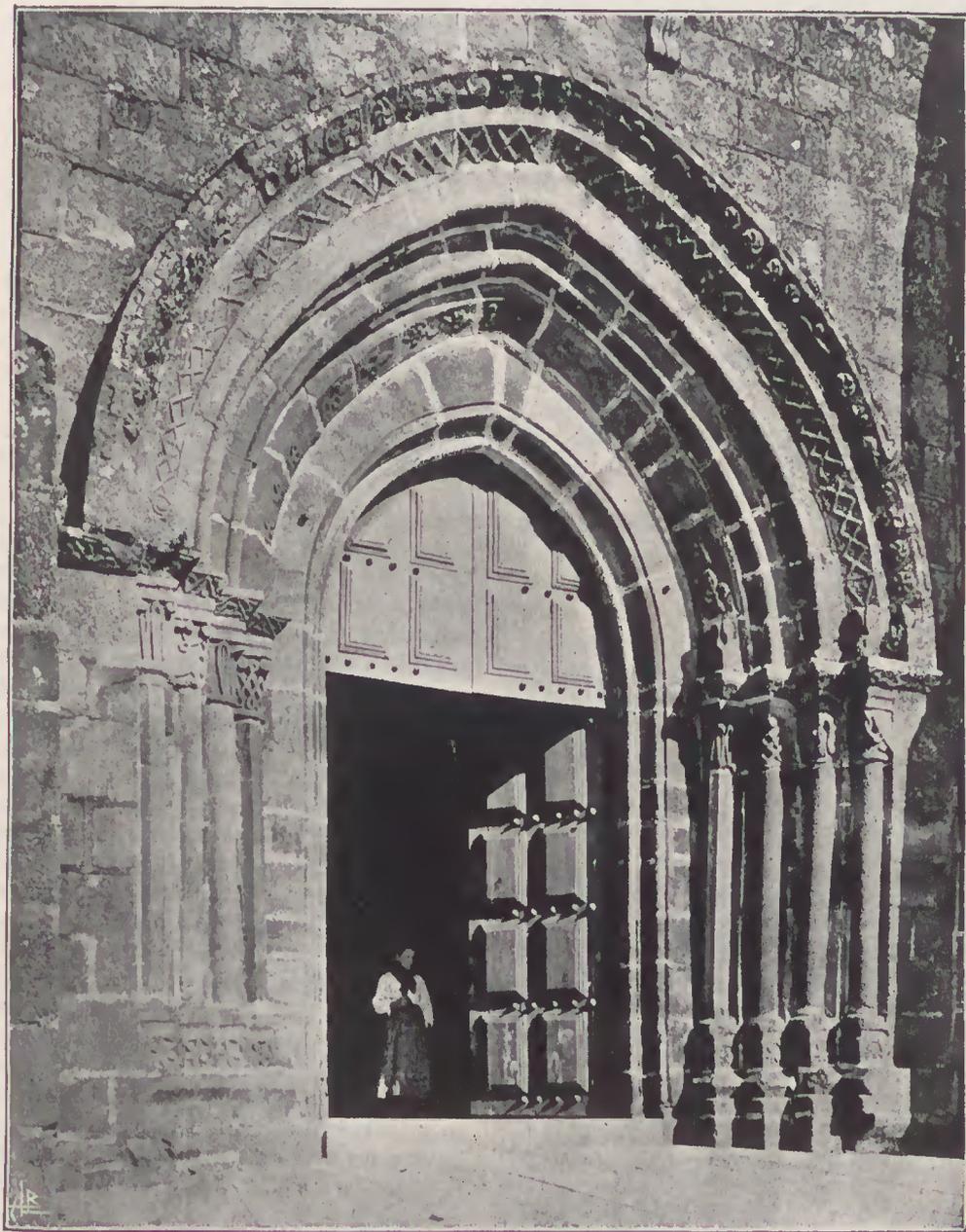
Reflecta ponderadamente, Vizinho, e diga-me se não são estas, especialmente, as Escolas de que carecemos.

.

Permita-me que conclúa, reiterando o conselho com que terminei a minha primeira carta e declarando-lhe, jubilosamente, que de mim pode desde já tirar a vista porque . . . não sendo rica nem tendo frequentado as *Escolas ménagères*, estou noiva e por isso mesmo não sou nem posso ser para o Vizinho

Amavel.

BARCELLOS



PORTICO DA EGREJA MATRIZ (ANTIGA COLLEGIADA)

O MEU LAR

*A minha casa, erguida em meio de searas,
tem fantasias claras,
tem frêmitos d'Amor nos múltiplos beirais,
o perfume campestre, a voz dos pinheirais...*

*Eu gosto de pensar, envolto na alegria
que se derrama, a flux,
em vibrações de Lús,
em raios de Poesia,
por sobre a minha habitação, modesta,
cercada de alfazêma e rosas de giesta...*

*De manhãsinha cedo,
quando a brisa murmurava um trémulo segredo
e a passarada, alegre, a chilrear,
nos dís o que é Viver, nos dís o que é Amar—
eu sinto-me enlevado e tenho então desejos
de mergulhar a Alma,*

*(tam mórbida e tam calma!)
naquêl grande Mar de lírios e de beijos.*

*O' túrbida cidade,
sem largos horizontes!
Gosasses tu a viva Claridade
que o Sol nos reenvia, ao tropeçar nos montes...
—Eu lembro-me de ti, e sinto muita pena
das almas que não teem a grande Lús serena
que se levanta, a rir, do lado do Nascente
e vem, triunfalmente,
encher a Naturêsa e encher-me o coração...*

E eu penso no meu lar, na minha habitação.

*—E' que ela tem, na sua estranha singelêsa,
mais Arte, mais Belêsa
que todos os palacios da cidade,
pobresinhos d'Amor, de Lús, de Claridade...*

Navais, 1910.

ISOLINO CARAMALHO.

CONTOS

A proposito de barbeiros

TUDO muda n'este mundo excepto os barbeiros, os costumes dos barbeiros e o que diz respeito a barbeiros. Isso é que nunca muda.

O que uma pessoa experimenta n'uma loja de barbeiro a primeira vez que lá entra é o que experimenta depois em todas as lojas de barbeiro até ao fim dos seus dias.

Fui barbear-me esta manhã como do costume. Um sujeito approximava-se da porta vindo da direita quando eu me approximava indo da esquerda—o que sempre acontece.

Appressei o passo, mas de nada me serviu; elle ganhou a porta por um passo apenas de deanteira e eu, seguindo-o, vi-o tomar a cadeira unica que estava desoccupada, e que era exactamente a servida pelo melhor official da loja. Isto, tambem, acontece sempre.

Sentei-me, esperando poder herdar a cadeira pertencente ao melhor dos dois offi-

ciaes restantes, porque esse já tinha começado a pentear o freguez, enquanto que o seu companheiro estava ainda friccionando e untando a cabeça á sua victima. Comecei a contar as probabilidades com grande interesse.

Quando vi que o N.º 2 principiava a ganhar sobre o N.º 1 o meu interesse chegou a ser solicitude. Quando o N.º 1 parou um momento para dar a senha do banho a um recém-chegado, e perdeu por isso terreno na corrida, a minha solicitude tornou-se anciedade. Quando o N.º 1 o alcançou outra vez, e tanto elle como o seu companheiro estavam tirando as toalhas e sacudindo o pó da cara dos seus freguezes, e era tão provavel que fôsse um como o outro que dissesse «Prompto!» primeiro, eu tinha a respiração suspensa. Mas quando no final momento culminante o N.º 1 estacou para passar duas vezes um pente pequeno nas sobranceiras do seu freguez, vi que elle tinha perdido a corrida por um simples instante, e levantei-me indignado, sahindo da loja, para me livrar de cahir nas mãos do N.º 2; pois não possuo nem sombra d'aquella invejavel coragem que habilita uma pessoa a olhar-tranquillamente para os olhos de um barbei-

ro que nos convida, e a dizer-lhe que se espera para se ser servido por outro official.

Demorei-me por fora quinze minutos, e depois voltei, esperando melhor fortuna. Agora estavam todas as cadeiras occupadas, e mais quatro pessoas sentadas esperando, silenciosas, insociaveis, consternadas, e verdadeiramente causticadas como estão sempre aquelles que esperam vez n'uma loja de barbeiro.

Sentei-me n'um dos compartimentos com braços de ferro de um velho sophá, e puz-me a passar tempo, entretendo-me um bocadinho com a leitura dos annuncios emmoldurados de toda a especie de elixires maravilhosos para tingir e colorir o cabello.

Em seguida li os nomes engordurados escriptos nos rotulos dos frascos de rhum dos freguezes especiaes; li os nomes e notei os numeros das tijellas de barbear, tambem especiaes, mettidas nos respectivos escaninhos; examinei as estampas baratas, sujas e estragadas que estavam pelas paredes, representando batalhas, antigos Presidentes, e voluptuosas sultanas recostadas, e a enfadonha e eterna raparigueta a pôr os oculos do avô; executei no fundo da minha alma o alegre canario e o horrivel papagaio que poucas lojas de barbeiro dispensam. Finalmente, examinei as menos arruinadas illustrações dos ultimos annos que ajujavam a pouco acceiada mesa ao meio da sala, reconhecendo, não sem custo através da pessima representação em que se me mostravam, os velhos e esquecidos acontecimentos.

Por fim chegou a minha vez. Uma voz disse «Prompto!» e eu submetti-me... ao N.º 2, é claro. Sempre acontece assim. Disse-lhe timidamente que estava com pressa, o que o impressionou tanto como se nada tivesse ouvido. Levantou-me a cabeça com força, e poz uma toalha por baixo d'ella. Profundou os dedos dentro do meu collarinho, para fixar a toalha ahi. Explorou-me o cabello com as garras e suggeriu-me que elle precisava ser aparado. Disse-lhe que me não parecia. Explorou-o outra vez e observou-me que estava muito comprido para a moda actual, que seria melhor despentalo um pouco; atraz principalmente precisava

muito. Objetei-lhe que ainda o tinha cortado a semana anterior.

Então analysou-o um momento com muita reflexão, perguntando em seguida, com modo desdenhoso: Quem lh'o cortou? Voltei-me para elle promptamente e fulminei-o com um «foi o senhor!» Não deu pio.

Em seguida poz-se a mexer a escuma e a mirar-se ao mesmo tempo ao espelho, parando de vez emquando para se approximar mais e para examinar o queixo com attenção ou esmagar uma borbulha.

Pincelou-me então completamente um dos lados da cara, e ia para estender a escuma no outro, quando um cão a correr na rua atrahiu a sua attenção, o que o fez chegar á janella, parar e estar vendo, e perder dois shillings em resultado de apostar com os outros barbeiros, o que me deu grande satisfação.

Acabou, finalmente, de pincelar, tendo-me mettido o pincel na bocca apenas duas vezes, passando logo a estender melhor o sabão com os dedos: e como agora estava de cara voltada para o outro lado, discutindo com os outros companheiros o caso do cão fugido, naturalmente metteu-me uma quantidade consideravel de escuma dentro da bôcca sem perceber; eu, porém, é que percebi.

Começou depois d'isto a afiar a navalha n'um pedaço de correia velha, e deteve-se largo espaço em controversia ácerca de um baile mascarado, de subscrição, em que elle tinha figurado na noite anterior, vestido de cambraia vermelha e arminho imitado, n'uma especie de vestuario de rei. Estava tão satisfeito pela preferencia que lhe dera uma donzella a quem elle havia captivado com os seus encantos, que empregou todos os modos para continuar a questão, pretendendo que o tinham importunado muito as pretenções dos seus companheiros. Este assumpto motivou mais olhadellas para o espelho, o que o fez largar a navalha e escovar o proprio cabello com prolongado cuidado, assentando melhor um caracol que estava desmanchado na testa, e fazendo correctamente uma risca atraz e em seguida puxando de um lado e outro como que duas azas para cima das orelhas com symetria perfeita. Durante este tempo seccava a escuma

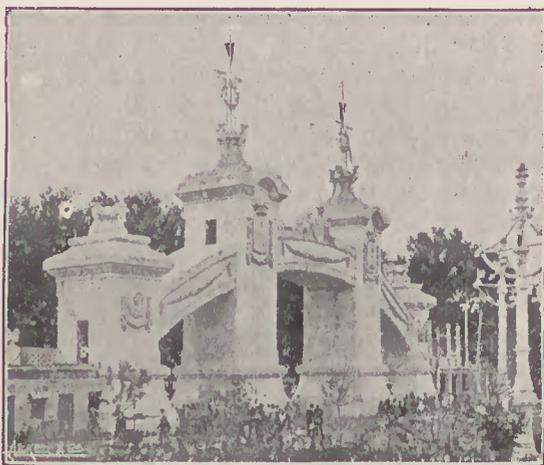
na minha cara, devorando-me aparentemente as forças vitais.

Começou por fim a barbear, fincando-me os dedos na cara para estirar a pelle, servindo-se do meu nariz como de um cabo, de vez em quando, para me voltar a cabeça para um e outro lado conforme a conveniencia da barba o exigia, e escarrando e espectorando agradavelmente durante esse tempo todo. Enquanto se demorou nos pontos flexiveis da minha cara não soffri muito; mas quando elle principiou a raspar, a dilacerar, a arrancar-me o queixo, até as lagrimas me correram. Eu já não tratava do facto d'elle se approximar cada vez mais de mim; já não tratava do seu cheiro a alho, porque, segundo creio, todos os barbeiros comem alho; mas havia uma cousa qualquer a mais que me fazia recear de que elle estivesse decahindo interiormente apezar de vivo ainda, e isso é que me deu muito que scismar. N'esse momento mettu-me o dedo na bôcca para melhor poder escanhoar os cantos do meu beiço superior, e foi por esse bocado de evidencia circumstancial que vim no descobrimento de que uma parte das suas obrigações na loja era a limpeza dos candieiros de petroleo. Fiquei então percebendo tudo.

Por essa occasião entreteinha-me eu na imaginação a vêr se adivinhava onde é que elle gostaria mais de me dar um golpe; mas teve o cuidado de se me antecipar e cortou-me na ponta do queixo, antes de eu ter acabado os meus calculos. Poz-se immediatamente a afiar a navalha, o que podia ter feito antes.

Eu não gosto da barba escanhoadá, e não queria portanto confiar-lhe a cara segunda vez. Fiz diligencia por elle deixar a navalha, receando que quizesse voltar exactamente a um dos lados do queixo, onde uma navalha não me pode tocar duas vezes sem me incomodar muito; mas disse-me que só precisava endireitar uma pequena desigualdade, e immediatamente deitou a navalha ao proprio sitio prohibido, onde logo deixou assignalada a sua passagem pela alluvião de borbulhinhas que no mesmo instante responderam á chamada. Então

ensopou uma ponta da toalha em rhum escuro, e bateu-me com ella sobre a face pesadamente; bateu-me com ella como se jámais algum ser humano tivesse lavado a cara d'aquella maneira. Depois enxugou-a batendo do mesmo modo com a parte enxuta da toalha, como se algum ser humano tambem jámais enxugasse a cara de tal modo; mas um barbeiro raras vezes procede para com alguem como christão! Em seguida, poz o mesmo rhum escuro, com a toalha, no lugar do golpe, polvilhando o ferimento com pó de arroz, depois molhou-o com o rhum escuro outra vez, e iria por alli fora molhando e



HESPAÑIA—VALENCIA

Arco da entrada da exposição agricola

polvilhando sem descançar mais, se eu me não tivesse revoltado e lh'o não tivesse prohibido. Polvilhou-me então com a borla a cara toda, endireitou-me, e começou a sulcar-me os cabellos muito attentamente com as duas mãos e a examinar em seguida os dedos com ares criticos. Suggestiu-me que devia lavar a cabeça, e disse-me que o cabello estava muito precisado d'isso, mas mesmo muito. Observei-lhe que eu proprio ainda o tinha bem lavado no banho da vespera. Outra vez se calou. Recommendou-me então o «Glorificador do cabello, do dr. Smith». Recusei. Elogiou o novo perfume «Deleite do Toilette do dr. Jones», e propoz-me a venda de um frasco. Recusei tambem. Apre-

sentou-me então a atrocidade de uma agua para os dentes, de sua propria invenção, e como ainda eu rejeitasse quiz-me vender canivetes.

Voltou ao trabalho depois de vêr naufragar esta ultima tentativa, borrifou-me todo de agua de colonia, pernas e tudo, untou-me o cabello a despeito dos meus protestos contra semelhante barbarismo, quebrou e arrancou uma boa porção d'elle pelas raizes, e penteou e escovou o resto, fazendo-lhe uma risca atraz e assentando-me um caracolsinho na testa, e em seguida, penteando-me as sobrançellas e alisando-as com pomada, emquanto fazia isso, enfiou uma relação de façanhas de um bull-dog seu, até que eu ouvi o apito annunciando meio dia, e reconheci que tinham passado cinco minutos da hora do comboyo, tendo-o assim perdido. Então tirou-me a toalha com um repellão, saccudiu-a rapidamente para cima de mim e da minha cara, passou o pente mais uma vez pelas minhas sobrançellas, e entoou alegremente o seu «Prompto!»

Este barbeiro foi fulminado por uma apoplexia duas horas depois. Eu estava á espera do dia da minha vingança — vou acompanhar-lhe o enterro.

MARK TWAIN.



A MISSÃO AGRICOLA EM VALENCIA

PARTIU ha dias para Valencia a missão agricola, composta dos srs. Antonio Albino Marques de Azevedo, director da «Era Nova», Albino José Rodrigues Leite, director da «Folha da Manhã» e Eduardo Larcher Marçal, director d'esta «Revista».

Vae estudar, em uma das mais formosas e ricas regiões de Hespanha, os processos agricolas que n'ella se utilisam, o resultado que d'elles se obtem, a sua producção e o correspondente movimento commercial que d'ella deriva.

A iniciativa d'esta missão, que honraria um governo que a ordenasse, partiu de um particular que do seu bolso a custeia.

D. José Domenech, no seu intelligente e fervoroso amor pela agricultura, vendo que n'esta região, essencialmente agricola, os

VIA LACTEA

*Sabe a passeio mal o dia nasce
Bella, nas simples roupas vaporosas;
E mostra ás rosas do jardim as rosas
Frescas e puras que possui na face.*

*Passa. E todo o jardim porque ella passe
Atavia-se. Ha jals mysteriosas
Pelas moilas, sandando-as respeitosas
E' como se uma sylphide passasse.*

*E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro
Curvam-se as flôres tremulas . . . O bando
Das aves todas vem saudá-la em coro*

*E ella vae, dando ao sol o rosto brando,
A's aves dando o olhar, ao vento o louro
Cabello e ás flôres os sorrisos dando.*

OLAVO BILAC.

processos usados no cultivo, a selecção dos productos agricolas, a irrigação, tudo enfim que diz respeito á terra, se encontra em um lastimoso atraso, quiz tentar um esforço para o levantamento da nossa lavoura.

Homem de acção, essencialmente pratico, não deixou ficar essa ideia no platonismo dos planos que se não realisam, e começou logo a trabalhar em uma propaganda continua e tenaz pelas aldeias, trazendo atraz de si, como os apostolos, um grupo de crentes, e persistindo, arrastando, convencendo, sempre com o mesmo fim e com o mesmo amor e crença pela sua ideia.

Valenciano, conhecendo bem essa prodigiosa e fertilissima *Huerta* e a perfeição dos seus processos de cultura, verificando a magnifica riqueza d'essa região que lhe vem da sua producção agricola e commercio de exportação, convenceu-se de que a nossa terra se poderia tornar tambem uma fonte analoga de riqueza; o essencial era trata-la com intelligencia e com amor.

Cultivada e enriquecida a terra, viria depois o commercio exportar os nossos productos, movimentando os nossos portos, mais proximos que os de Valencia, da Inglaterra e paizes do Norte que são os grandes compradores do mercado Valenciano e portanto

em condições mais favoráveis para o transporte marítimo.

Mas a D. José não bastava que elle acreditasse na possibilidade pratica d'esta sua convicção; era preciso que outros vissem, que outros se convencessem, que outros se transformassem, com conhecimento directo de causa, em novos propagandistas e novos apóstolos, com a mesma fé e a mesma convicção.

D'ahi a sua ideia de subsidiar uma comissão barcellense que fosse estudar a região Valenciana.

O anno passado S. Ex.^a encarregou esta *Revista* de escolher os membros d'essa missão; mas, infelizmente, por motivos de força maior não pudemos desempenharmos d'esse honorissimo mandato.

Este anno entregou a organização da missão e escolha dos commissionados á Ex.^{ma} Camara Municipal, que acceitou essa generosa offerta de D. José Domenech, como um grande e desinteressado esforço que é, para o bem do municipio que essa digna Corporação representa.

Creemos que d'esta nobre e intelligente iniciativa resultará um grande bem para o Concelho, porque a propaganda agricola se tornará cada vez mais intensa e proficua.

A região estudada pela missão Barcellense não podia ser melhor escolhida, porque a fértil e riquissima *Huerta Valenciana* é uma das terras do mundo, onde é mais perfeita e productiva a exploração agricola.

Valencia é alem d'isso um importantissimo centro fabril e commercial e até uma bella Escola de Arte, porque é a patria de Ribera, o Caravaggin hespanhol.

A riqueza d'essa região manifestou-se admiravelmente na *exposição regional Valenciana*, sumptuosa sobretudo na secção agricola, como o testemunham as nossas gravuras.

Fazemos votos porque o valioso estudo d'esta missão seja o mais productivo possivel á nossa terra, que tanto precisa de um trabalho de propaganda intelligente e orientado, e de um esforço sincero e crente, para o seu levantamento economico, intellectual e moral.

J. B.

Um inédito de Richepin

A «Revista» publica hoje um inédito do grande poeta francez Jean Richepin, que foi posto á nossa disposição pelo sr. dr. Ruy Paes de Villas-Boas, a quem o proprio auctor o offereceu, quando veio a Lisboa fazer uma serie de conferencias litterarias.

E' uma subida honra para a «Revista» a publicação d'este inédito de um dos maiores poetas da França, do sublime cantor do Mar e do delicado e vigoroso creador do *Chemineau*.

Ao sr. dr. Ruy Paes agradecemos com o maior reconhecimento a sua valiosissima offerta e a sua distincta e primorosa collaboração.

Echos & Variedades

A HYGIENE NA SUECIA

1.º—Viver com ar puro, dia e noite. 2.º—Fazer todos os dias exercicio ao ar livre, trabalhando e passeando. 3.º—Beber e comer moderadamente e simplesmente. Preferir ao alcool a água, o leite e as fructas, o que augmenta a nossa capacidade de trabalho e de felicidade. 4.º—Resistir ao frio por lavagens quotidianas com agua gelada e tomar semanalmente um banho quente. 5.º—Não trazer roupa nem muito quente, nem muito justa. 6.º—Habitar uma casa secca, espaçosa, exposta ao sol. Ter uma casa que seja *nossa*. 7.º—Limpeza rigorosa em tudo, mesmo no moral; ella preserva das doenças contagiosas. 8.º—O trabalho regular e intenso preserva das doenças do corpo e da alma; elle consola nos momentos de desgraça; elle conserva a alegria. 9.º—Não procurar o descanso, depois do trabalho, nas distracções ruidosas. As horas de folga pertencem á familia, a noite foi feita para dormir. 10.º—A primeira condição de uma boa saude é uma vida fecundada pelo trabalho e ennobrecida por boas acções. Tal é, segundo affirma o Conde de Tolstoi, o Decalogo da feliz Suecia.